

DO OTIMISMO NOS PROGRESSOS CIENTÍFICO E SOCIAL DA VIRADA DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX AO ALERTA GLOBAL DA COVID-19

Henrique Breviglieri³

Resumo

Este trabalho busca compreender as mudanças de mentalidades, atitudes e sentimentos compartilhados em continentes distintos e, por vezes, em todo o mundo, durante destacados movimentos e períodos históricos recentes da humanidade, iniciando um percurso de retomada pela denominada “*Belle Époque*”, ao final da Guerra Franco-Prussiana, em 1871, seguindo até os eventos recentes dos anos 2000, desfechando-se em uma reflexão a respeito do que da nossa história como espécie a atual crise global do Covid-19 nos faz recuperar, bem como os valores que são resgatados nesses momentos de mobilização global. Concatenado a este vislumbre histórico, expõe-se as leituras e compreensões que grandes nomes da história da construção do pensamento humano contemporâneo, como Auguste Comte, Max Weber, Sigmund Freud, Zygmunt Bauman e Yuval Noah Harari, construíram a respeito dos nossos tempos. O objetivo principal deste trabalho é tentar compreender, em um eixo de continuidade e paralelos transdisciplinares, os eventos da história recente da humanidade, associados às atitudes e aos sentimentos compartilhados pelas populações. Somem-se ao objetivo principal os objetivos de: 1) demonstrar como grandes eventos e períodos históricos influenciam nas tendências intelectuais, morais e humorais das nações; 2) expor o espírito otimista nos progressos científico e social

3 Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano e em Psicologia pelo Centro Universitário Municipal de Franca - Uni-FACEF.

nas obras de Auguste Comte e Max Weber; 3) lembrar as contribuições do fundador da psicanálise, Sigmund Freud, para o entendimento psicossociológico, das catástrofes da primeira metade do século XX, anteriormente à eclosão da Segunda Grande Guerra; 4) refletir sobre o mal-estar causado pelas atrocidades ocorridas no século XX e início do século XXI; situando este trabalho em uma conjuntura de crise global causada pela pandemia da COVID-19, procurando, enfim, associar os sentimentos coletivos e as posturas políticas e sociais adotadas para o enfrentamento da crise atual com os registros das memórias do passado retratado no presente trabalho. Para alcançar os propósitos elencados, foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica, contemplado com a proposta de transdisciplinaridade. Considerou-se, pelos resultados da pesquisa, que as crises cíclicas na história da humanidade, distintas no conteúdo objetivo, mas semelhantes em muitos aspectos formais, sempre expõem que os momentos de maximização das atenções voltadas ao âmbito individual em detrimento do coletivo são posteriormente combatidos com esforços contrários a esta mentalidade – com regulação dos mercados e dos agentes econômicos e ativação do Poder Público na economia, afirmação do papel do Estado na garantia dos direitos civis universais aos seus cidadãos e reaproximação internacional e intranacional na política, e redescoberta da identificação entre todas as pessoas na cultura e em suas bases morais e intelectuais. No âmbito ético, frente a situações que geram medo e alertas generalizados, o egoísmo deve, mandatoriamente, ceder espaço à solidariedade.

Palavras-chave: Otimismo progressista. História Contemporânea. Crises globais recentes. COVID-19. Tendências coletivas em períodos de crises.

FROM THE OPTIMISM IN SCIENTIFIC AND SOCIAL PROGRESS FROM THE TURN OF THE 19TH TO THE 20TH CENTURY TO THE COVID-19 GLOBAL ALERT

Abstract

This article attempts to comprehend the simultaneous changes in mentalities, perceptions and sentiments across different regions in the world and, at times, worldwide, during important movements and periods of mankind, from the recovery trajectory of the “Belle Époque”, following the end of the Franco-Prussian War in 1871, to recent events of the 2000s, ending with remarks about elements of our history as species brought about the current Covid-19 global crisis and values that arise in such moments of global mobilization. In conjunction to this historical glance, the article discusses interpretations of our times by figures influential in the construction of contemporary human thought, such as Auguste Comte, Max Weber, Sigmund Freud, Zygmunt Bauman e Yuval Noah Harari. The main objective of the article is to try to understand, using a transdisciplinary approach, events of recent human history, as well as

perceptions and sentiments shared by different populations. Secondary objectives of the article are: 1) to demonstrate how great events and historical periods influence the intellectual, moral and disposition tendencies of nations; 2) to underscore the optimistic spirit in the scientific and social progress in the works of Auguste Comte and Max Weber; 3) to recall the contributions of the founder of psychoanalysis, Sigmund Freud, to the psychosocial understanding of the catastrophes of the first half of the 20th century, before the outbreak of the Second World War; 4) to reflect on the unease caused by the atrocities that took place in the 20th century and the beginning of the 21st century; placing this work in a conjuncture of global crisis caused by the COVID-19 pandemic, seeking, finally, to associate the collective feelings and the political and social postures adopted for the confrontation of the current crisis with the records of the memories of the past portrayed in this article. To listed purposes were achieved by bibliographic research, from the lenses of transdisciplinarity. The results of the research considered that the cyclical crises in human history, distinct in objective content but similar in multiple formal aspects, always expose that moments of maximization of attention to the individual sphere to the detriment of the collective are later fought with efforts contrary to this mentality - with regulation of markets and economic agents and more active government intervention in the economy, affirming the role of the state in guaranteeing universal civil rights for its citizens and international and intranational rapprochement in politics, and rediscovering identity among all people in their culture and moral and intellectual bases. In the ethical sphere, in the face of situations that generate fear and widespread alerts, selfishness must, mandatorily, give way to solidarity.

Keywords: Progressive optimism. Contemporary History. Recent global crises. Covid-19. Collective tendencies in crises.

Introdução

Toda virada de século é marcada por enormes expectativas, por entusiasmadadas esperanças, mas, também, por profundas angústias em relação ao que o século que chega reserva para a humanidade. A virada do século XIX para o século XX foi fato único na história, posto que o otimismo eufórico da chamada “*Belle Époque*” fazia com que o mundo, em especial a Europa Ocidental e os Estados Unidos da América, aguardasse o prolongamento da vivência do sentimento compartilhado de estar vivendo a “Era de Ouro”.

As propostas republicanas liberais do movimento iluminista dos séculos XVII e XVIII, em especial na França, na Inglaterra e na Alemanha, haviam propulsionado eventos históricos de transformação progressista (ao menos, é consensual de que assim o eram na época de sua eclosão), como as Revoluções Puritana e Gloriosa na Inglaterra no século XVII, a Independência dos EUA e a Revolução Francesa,

ambas no fim do século XVIII, e as sucessivas Revoluções Liberais em toda a Europa no século XIX. Todos estes movimentos modificaram as bases morais e intelectuais da mentalidade das nações ocidentais, após o período de maciça influência cultural-ideológica do dogmatismo católico no contexto da Idade Média, e libertaram os sistemas políticos do despotismo monárquico absolutista, com vazio de cidadania e de participação política popular, resultantes da total centralização do poder e das atribuições do Estado, que foi uma constante entre os Estados Nacionais Modernos, após as suas consolidações nos séculos XV e XVI. Itália e Alemanha, que já se reconheciam há muito tempo como nações, mesmo não tendo sido burocraticamente formalizadas desta maneira, haviam se unificado como Estados Nacionais e, para ambos os casos, um enorme orgulho nacionalista, também presente nos outros países da Europa Ocidental e nos países eslavos, dominava os espíritos dos compatriotas.

O nacionalismo, até então, era contemplado em uma harmonia benigna com uma identidade cosmopolita na Europa, o que foi um fator importante para um desenvolvimento exponencial da cultura, das artes e do espírito festivo e da cultura do divertimento da *Belle Époque*. Este mesmo nacionalismo acabou por ser deturpado por movimentos expansionistas econômicos, políticos e culturais no início do século XX, como o Pan-Germanismo na Alemanha de Bismarck, o Pan-Eslavismo nos Balcãs, o despertar da Grande Rússia do regime czarista, seria uma das motivações, somada ao Imperialismo e ao Neocolonialismo, à corrida armamentista, aos revanchismos da Guerra Franco-Prussiana e da disputa pelas novas colônias da África e da Ásia e às políticas de alianças militares em preparo a grandes conflitos militares, que fizeram explodir a Primeira Guerra Mundial em 1914 – evento que pôs fim aos anos de ouro da *Belle Époque* e mergulhou a humanidade em desastres nunca vistos antes.

A euforia também atingia as universidades, as escolas e todo o universo científico. O “Espírito Positivo”, proclamado por Auguste Comte, era hegemônico nas influências epistemológicas e metodológicas das ciências naturais e das emergentes ciências sociais e humanas. Estas últimas, pela proposta positivista, haviam aderido às disposições metodológicas experimentais-indutivas das ciências naturais (RUSSELL, 2013; 2015; CRESPO, BOTELHO, KRASTANOV, 2013). O “programa indutivista” havia se tornado a égide de toda a ciência (BENEDICTO, 2013). Pautado pelo movimento Positivista e pelo “Positivismo Lógico” (RUSSELL, 2015), tratava-se de observar de forma objetiva os objetos de investigação em fatos apreensíveis sistematicamente, transformar esses fatos em premissas particulares, para promover conclusões sobre leis gerais e naturais que poderiam predizer o comportamento dos fenômenos estudados, podendo gerar o seu controle. Este tornou-se o protocolo do chamado “Método Científico”, ainda não sobrepujado apesar dos incontáveis questionamentos sobre seu rigor e a realidade de suas pretensões.

No campo das ciências sociais, Max Weber foi o maior expoente do otimismo progressista deste período. No campo da filosofia da ciência, da antropologia cultural e filosófica e da epistemologia, Auguste Comte, fundador e pioneiro do Positivismo, teve o maior destaque.

Iniciemos o nosso caminho de revisitação histórico-filosófica por esses dois grandes nomes da ciência do progresso, para, em sequência, vislumbrar os ocasos da humanidade que puseram fim ao sentimento progressista e levaram, por fim, do otimismo eufórico às incertezas e impotências deprimidas, com ênfase para a crise global que está em curso neste momento, ocasionada pela pandemia da COVID-19.

Max Weber – o máximo da burocracia funcionalista como o fim inevitável do Estado e o Capitalismo como o destino da sociedade

Max Weber, nascido em 1864 e falecido em 1920, viveu inserido diretamente no contexto da *Belle Époque* e de todo o otimismo do progresso social, experimentando o sentimento de euforia deste período.

Tendo visto a industrialização transcender as fronteiras do Reino Unido e alastrar-se pela Europa, pelo Japão e pelos EUA, na chamada “Segunda Revolução Industrial”, que teve o país de Weber, a Alemanha, como a grande referência deste movimento, Weber considerava que o “*capitalismo moderno ocidental*” era resultado da racionalização social dos “*Estados Racionais*”, em associação a modernização dos dispositivos de produção através da “*Racionalidade Instrumental*”, ou seja, da aplicação de procedimentos e da implantação de estratégias racionalmente planejadas para otimizar a produção, em um sistema coerente, ordenado e com clara divisão de funções.

O supramencionado “*Estado Racional*”, no léxico de Max Weber, compreendido tradicionalmente como os “*Estados Nacionais Modernos*”, deu-se, para o autor alemão, somente no Ocidente. O surgimento destes estados levou a uma luta pela apoderação e apropriação de capital entre eles, fazendo emergir o *capitalismo moderno ocidental*.

O Estado, no sentido de Estado *racional*, somente se deu no Ocidente. A luta constante, em forma pacífica e bélica, entre Estados nacionais concorrentes pelo poder criou as maiores oportunidades para o moderno capitalismo ocidental. Cada Estado particular tinha que concorrer pelo capital, que estava livre de estabelecer-se em qualquer lugar e lhe ditava as condições sob as quais o ajudaria a tornar-se poderoso (WEBER, 2015, p.517, grifos do autor).

O *Estado Racional* foi caracterizado por Max Weber pelo monopólio legítimo da violência ou da coação física. Somente os estatutos legais do *Estado*, formulados racionalmente, confere a qualquer instância ou agência o uso legítimo da violência quando da necessidade de sua aplicação.

Ao contrário, somente se pode, afinal, definir sociologicamente o Estado moderno por um *meio* específico que lhe é próprio, como também a toda associação política: o da coação física [...] Hoje, o Estado é aquela comunidade humana que, dentro de determinado território – este, o “território”, faz parte da qualidade característica -, reclama para si (com êxito) o monopólio da coação física legítima, pois o específico da atualidade é que todas as demais associações ou pessoas individuais somente se atribui o direito de exercer coação física na medida em que o Estado o permita. Este é considerado a única fonte do “direito” de exercer coação (WEBER, 2015, p.525-526, grifos do autor).

Weber atesta que, tal como o progresso e a modernização da economia apontavam, inevitavelmente, para o capitalismo, a modernização e a progressão do Estado estavam direcionadas para o máximo da burocratização do funcionalismo estatal, elevando a administração estatal/pública ao máximo de funcionalidade que ela poderia alcançar.

Em um Estado moderno, o domínio efetivo, que não se manifesta nos discursos parlamentares nem em declarações de monarcas, mas sim no cotidiano da administração, encontra-se, necessária e inevitavelmente, nas mãos do funcionalismo, tanto do militar quanto do civil, pois também o oficial superior moderno dirige as batalhas a partir do “escritório”. Do mesmo modo que o chamado progresso em direção ao capitalismo, desde a Idade Média, é o critério unívoco da modernização da economia, o progresso em direção ao funcionalismo burocrático, baseado em contrato, salário, pensão, carreira, treinamento especializado e divisão do trabalho, competências fixas, documentação e ordem hierárquica, é o critério igualmente unívoco da modernização do Estado, tanto do monárquico como democrático (WEBER, 2015, p.529).

Dessarte, os dois destinos finais da organização social dos homens, para Max Weber, seriam o capitalismo alicerçado na *Racionalidade Instrumental* e a maximização da burocracia no funcionalismo público. Antes de Weber, o filósofo francês, fundador do positivismo e da sociologia, Auguste Comte (1798-1857) havia enxergado outros dois pontos de chegada para a evolução máxima das sociedades humanas: a *Ordem* e o *Progresso* – lema registrado na bandeira nacional brasileira, que demonstra a enorme influência dessa escola de pensamento filosófica, científica e sociológica, ao seu tempo de surgimento e até os dias de hoje, em que especialmente a ciência ainda se encontra cerceada pelos ditames positivistas, principalmente no paradigma metodológico de validação do seu empenho.

Auguste Comte e o Positivismo – As Eras do Pensamento e a “Ordem e Progresso”

Fundador de uma das escolas filosóficas mais influentes da nossa era, o “Positivismo”, tanto na área dos fundamentos da ciência quanto

nas propostas político-sociais, Auguste Comte pretendia, no primeiro campo, dotar todas as ciências do método experimental-indutivo espelhado no trabalho científico das ciências naturais, tomando como bases a astrofísica e a astronomia modernas, e, no segundo campo, apontar a *Ordem* e o *Progresso* como os destinos finais da evolução social.

Auguste Comte divide o seu “Discurso Sobre o Espírito Positivo” em dois grandes campos, o da investigação, entendimento e predição e controle dos fenômenos apreendidos pelo homem, que abrangem as chamadas por Aristóteles (ARISTÓTELES, 2012; KRASTANOV, 2013) “Ciências Teóricas”, como a epistemologia, a psicologia e a metodologia da ciência, e o da organização social, da manutenção da ordem e da promoção do progresso das sociedades humanas, que tangem ao que Aristóteles considerou por “Ciências Práticas ou Produtivas”, com o relevo dado à política.

No primeiro campo, Comte considerou o estado de superioridade mental do “*Estado Positivo*”, ao passo que no segundo considerou o estado de superioridade social deste mesmo *Estado*.

Tanto no âmbito da ciência teórica quanto prática, fazendo uma divisão ao modo de Kant (2005; 2015), Augusto Comte considera que a humanidade, tanto em nível individual quanto em nível de espécie, passa por três etapas sucessivas, em cronologia e valor, de evolução intelectual e social, que ele chamou de “Eras”: 1) “Teológica” ou “Fictícia”; 2) “Metafísica” ou “Especulativa”; 3) “Positiva” ou “Real”. As duas primeiras *Eras*, *Teológica* e *Metafísica*, representariam fases da “infância” da humanidade, que, tendo sido obrigatoriamente estabelecidas e, por sua vez, superadas, teriam como rumo ou destino final e inevitável a *Era Positiva*.

Seguindo esta doutrina fundamental, todas as nossas especulações, quaisquer que sejam, estão inevitavelmente sujeitas, tanto no indivíduo como na espécie, a passarem sucessivamente por três estados teóricos diferentes, que podem ser qualificados aqui suficientemente pelas denominações habituais de teológico, metafísico e positivo, por aqueles que tiverem ao menos compreendido seu verdadeiro sentido geral (COMTE, 2016, p.21).

A *Era Teológica* ou *Fictícia* caracterizar-se-ia como a fase do desenvolvimento mental marcado por tentativas de explicações absolutas e universais, buscando o entendimento das causas primeiras e últimas dos fenômenos e da origem de todas as coisas através da ação de seres, entidades e eventos sobrenaturais; fundando seus alicerces na crença irracional e dogmática proclamada pela fé e pelas religiões.

Em seu primeiro desenvolvimento, necessariamente teológico, todas as nossas especulações manifestam espontaneamente uma predileção característica pelas questões mais insolúveis, sobre os sujeitos mais radicalmente inacessíveis a toda investigação decisiva. Com um contraste que, atualmente, deve parecer de início inexplicável, mas que, na verdade, está em

plena harmonia com a verdadeira situação inicial de nosso intelecto, numa época em que o espírito humano ainda não chegou ao nível dos mais simples problemas científicos, ele busca avidamente, e de maneira quase exclusiva, a origem de todas as coisas, as *causas* essenciais, sejam elas primeiras ou últimas, dos diversos fenômenos que o intrigam, e seu modo fundamental de produção; em uma palavra, o conhecimento absoluto (COMTE, 2016, p.21-22).

O *Estado Metafísico* ou *Abstrato*, mais próximo do *Estado Teológico* do que do *Positivo*, manteria as ambições do primeiro: a procura do desvelamento das causas primeiras e últimas das coisas por intermédio de explicações absolutas e universais; contudo, o que diferenciaria o *Estado Metafísico* do *Teológico* seria que, não mais através de atividades sobrenaturais, mas por entidades ou abstrações personificadas e naturais, a ambição de conhecer as origens e os fins absolutos das coisas realizar-se-ia.

Tal é a participação especial do estado metafísico propriamente dito na evolução fundamental do nosso intelecto, que, antipático a toda mudança brusca, pode assim elevar-se quase que imperceptivelmente do estado puramente teológico ao estado claramente positivo, ainda que essa situação equívoca se aproxime, no fundo, bem mais do primeiro que do último. As especulações dominantes conservaram nele o mesmo caráter essencial de tendência habitual aos conhecimentos absolutos: somente a solução sofreu nele uma transformação notável, própria para melhor facilitar o crescimento das concepções positivas. De fato, como a teologia, a metafísica busca sobretudo explicar a natureza íntima dos seres, a origem e o destino de todas as coisas, o modo essencial de produção de todos os fenômenos; mas ao invés de empregar agentes sobrenaturais propriamente ditos, ela os substitui mais e mais por essas *entidades* ou abstrações personificadas, cujo uso, verdadeiramente característico, tornou muitas vezes possível designá-la como *ontologia* (COMTE, 2016, p.26, grifos do autor).

Por fim, o *Estado* último da mentalidade científica e social do Homem, o *Estado Positivo* ou *Real*, teria sua gloriosa chegada e supremacia inviolável. Este *Estado* foi especificado por Comte em quatro características fundamentais: 1) a “Lei ou Subordinação constante da imaginação à observação”; 2) a “Natureza relativa do Espírito Positivo; 3) a “previsão racional”; a “extensão universal do dogma fundamental da invariabilidade das leis naturais”.

A primeira característica, a “Lei ou Subordinação constante da imaginação à observação”, diz respeito à posição fundamental do positivismo de que todo o conhecimento deve derivar da observação direta, a única forma de acesso a conhecimentos verdadeiros para os adeptos de suas epistemologia e filosofia da ciência. A imaginação de conteúdos abstratos e inobserváveis na realidade não deveria se confundir com o

trabalho científico no estado de “maturidade intelectual”; neste estado, somente imagens advindas da observação de fenômenos concretos e mensuráveis da realidade seriam dignas de valorização científica. Ademais, o conhecimento buscado não deveria ser o das causas, como nos *Estados Teológico e Metafísico*, mas das *leis puramente naturais* que regem e predizem o comportamento dos fenômenos e as suas características.

Após estes exercícios preparatórios terem espontaneamente demonstrado a inanidade radical das explicações vagas e arbitrárias próprias da filosofia inicial, seja ela teológica ou metafísica, o espírito humano renuncia então às investigações absolutas que só convinham à sua infância, circunscrevendo seus esforços ao domínio, a partir de agora rapidamente progressivo, da *observação verdadeira, única base possível de conhecimentos verdadeiramente acessíveis*, criteriosamente adaptados a nossas necessidades reais [...] Qualquer que seja o modo, racional ou experimental, de descobri-los é sempre de sua conformidade, direta ou indireta, com os fenômenos observados que resulta exclusivamente sua eficácia científica. A pura imaginação perde então irrevogavelmente sua antiga supremacia mental e se subordina necessariamente à observação, de maneira a constituir um estado lógico plenamente normal, ainda que não deixe de exercer, nas especulações positivas, um ofício tão capital quanto inesgotável, de criar ou aperfeiçoar os meios de ligação, seja esta definitiva ou provisória. Em uma palavra, a revolução fundamental que caracteriza a virilidade de nossa inteligência consiste essencialmente em *substituir em todos os casos a inacessível determinação das causas propriamente ditas pela simples busca de leis*, isto é, das relações constantes que existem entre os fenômenos observados (COMTE, 2016, p.29-30, grifos nossos).

Sobre a “Natureza relativa do Espírito Positivo”, há de se fazer a distinção entre o conhecimento do absoluto, buscado pelas etapas anteriores de amadurecimento mental, e o conhecimento relativo, próprio da etapa positiva. O *Espírito Positivo*, divergindo dos *Estados* anteriores, não buscaria conhecer todas as existências reais, somente aquelas possíveis pela observação e apreensão sistemática, e, partir daí, operar generalizações em saltos indutivos para existências semelhantes.

Não apenas nossas investigações positivas devem essencialmente se reduzir, em todos os casos, à apreciação sistemática daquilo que existe, renunciando a descobrir sua origem primeira e seu destino final; mas além disso é preciso entender que esse estudo dos fenômenos, não se tornando de modo algum absoluto, deve sempre permanecer *relativo* a nossa organização e situação. Reconhecendo, sob este duplo aspecto, a imperfeição necessário de nossos diversos meios especulativos, vemos que, longe de poder estudar completamente qualquer existência efetiva, não poderíamos garantir de modo algum a possibilidade de se constatarem assim, nem mesmo muito superficialmente,

todas as existências reais, cuja maior parte talvez nos escape totalmente (COMTE, 2016, p.30, grifos do autor).

A respeito da terceira característica, a “previsão racional”, Comte instaura um princípio hegemônico na ciência contemporânea: o da pretensão científica em poder, a partir do conhecimento das leis naturais que regem os fenômenos, predizer os seus comportamentos futuros, podendo controlá-los.

Mas considerando o destino constante dessas leis, podemos dizer, sem qualquer exagero, que a verdadeira ciência, longe de estar formada de simples observações, tende sempre a dispensar, o tanto quanto possível, da exploração direta, substituindo-a por aquela previsão racional, que constitui, sob todos os aspectos, a principal característica do espírito positivo, como o conjunto dos estudos astronômicos nos mostrará com clareza [...] isto pois a exploração direta dos fenômenos ocorridos não poderia bastar par nos permitir modificar seu acontecimento, se ela não nos levasse a prevê-lo de maneira conveniente. Deste modo, o verdadeiro espírito positivo consiste sobretudo em *ver para prever*, em estudar aquilo que existe a fim de concluir o que ele se tornará, segundo o dogma geral da invariabilidade das leis naturais (COMTE, 2016, p.32-33, grifos do autor).

Por fim, o princípio da “Extensão universal do dogma fundamental da invariabilidade das leis naturais” versa sobre a capacidade que as leis naturais, ditadas sob a égide do *conhecimento positivo*, possuem de não oscilar em circunstâncias distintas, assegurando a sua *universalidade*.

Mas quando essa extensão universal é por fim esboçada suficientemente, condição agora respeitada entre os espíritos mais avançados, este grande princípio filosófico adquire imediatamente uma plenitude decisiva, ainda que as leis efetivas da maior parte dos casos particulares devam permanecer por muito tempo ignorada; isto porque uma irresistível analogia aplica antes a todos os fenômenos de cada ordem aquilo que só foi constatado para alguns dentre eles, desde que que eles tenham uma importância suficiente (COMTE, 2016, p.34).

A respeito da “Superioridade Social do Espírito Positivo”, Comte enxerga na *Ordem* e no *Progresso* os destinos finais da realização social e política humana. No entanto, esses destinos carecem de bases intelectuais e morais propícios a eles, que não são possíveis no período “infantil” da humanidade, ou seja, nos tempos e nas eras em que o *Espírito Teológico* e o *Espírito Metafísico* detinham a hegemonia das mentalidades dos indivíduos e das culturas.

Por fim, o desenvolvimento dessa reação retrógrada determinou uma memorável manifestação, que nossas lacunas filosóficas tornaram tanto indispensável quanto inevitável, a fim

de demonstrar irrevogavelmente que o progresso constitui, tanto quanto a ordem, uma das condições fundamentais da civilização moderna [...] Como antes da crise, a luta aparente continua engajada com o espírito teológico, reconhecido como incompatível com o progresso, o qual ele foi conduzido a negar dogmaticamente, e o espírito metafísico, que, após ter alcançado, na filosofia, a dúvida universal, na política só pôde constituir a desordem, ou um estado equivalente de não governo (COMTE, 2016, p.64-65).

Auguste Comte (2016) encerra que, tanto a *Filosofia Teológica* quanto a *Metafísica* fracassaram em poder conciliar *Ordem e Progresso*, cabendo, então, à *Filosofia Positiva* realizar a conciliação harmoniosa entre esses dois destinos finais da evolução social.

“O mal-estar na civilização” – da Primeira Grande Guerra aos dias atuais

O progresso nem sempre é contíguo em países ou continentes diferentes. A *Belle Époque* na Europa teve a sua derrocada em 1914, ao início da Primeira Guerra Mundial. Até a Primeira Grande Guerra, os valores associados às guerras eram parecidos com aqueles que se cultuava nas poesias homéricas: de glória e de excelência no enfrentamento direto no campo de batalha, honrando a sua vida, ainda que se findasse em batalha, através da defesa de seu povo (JAEGER, 1995). A representação de “guerra” passa a ser completamente diferente durante e após a Primeira Grande Guerra. O “gás mostarda” causava o terror nas trincheiras, os combatentes voltavam decapitados ou com graves “neuroses de guerra” (FREUD, 2018a) para os hospitais e clínicas, os países eram devastados.

Ao termo da Primeira Grande Guerra, em 1918, a década subsequente de 1920 foi marcada pelo contraste entre uma Europa em ressaca de uma das maiores atrocidades já ocorrentes no continente e o crescimento político-econômico-global dos Estados Unidos, que se tornara a maior potência do mundo. Em território estadunidense, a “grande euforia”, alicerçada pela proposta liberal econômica e pelos dispositivos de otimização da produção de Frederick Taylor (1963) e especialmente de Henry Ford, gerou um crescimento econômico nunca antes visto na história da humanidade. Porém, a euforia logo se deparou com a “Grande Depressão” após o Crack da Bolsa de Nova Iorque e as suas consequências aos países do mundo inteiro, que, a este momento (como hoje), tinham parcerias econômicas com os EUA.

Meses antes do Crack da Bolsa de Nova Iorque, Freud havia publicado o livro que foi traduzido para a língua portuguesa como “O mal-estar na civilização” ou “O mal-estar na cultura”.

Nascido em Viena, na Áustria (país que seria, em 1939, anexado à Alemanha nazista, infringindo as determinações do Tratado de Versalhes e gerando a Segunda Guerra Mundial), no ano de 1856, Freud

presenciou tanto a *Belle Époque*, tão presente em seu país, quanto, já em idade madura, a Primeira Guerra Mundial e as suas consequências catastróficas.

Fundador da psicanálise e um dos maiores nomes do pensamento do século XX, Freud assim definiu a civilização tanto no já referido “O mal-estar na civilização” quanto em outra obra de caráter antropopsicossociológico, publicada dois anos antes, “O futuro de uma ilusão”: “[...] a cultura humana – me refiro a tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de suas condições animais e se distingue da vida dos bichos; e me recuso a separar cultura e civilização” (FREUD, 2018b, p.36).

Em “Além do princípio do prazer”, texto que teve a primeira publicação em 1920, Freud (2018a) já havia identificado outra pulsão distinta da Pulsão Erógena (*Gestelechtrieb*) ou “Pulsão de Vida” (*Lebenstrieb*) (como passou a ser chamada a partir deste ensaio): a “Pulsão de Morte” (*Todestrieb*). Divergindo da Pulsão de Vida, que tenderia, por estar ligada à sexualidade e o investimento de energia psicosssexual (*Libido*), à autoconservação e à preservação, a Pulsão de Morte teria como fim a repetição do estado anterior à vida, o estado inanimado ou de morte – o que propôs a ela um caráter de autodestruição do organismo vivo. Em “O mal-estar na civilização”, Freud narra como a civilização ou a cultura (que ele se recusa em distinguir), que foram criadas com a intenção de promover o bem-estar, a paz e a segurança da humanidade, geraram o efeito oposto: o mal-estar, a insegurança e o desamparo. A esse efeito, Freud (2011) deu o nome de “fracasso cultural” ou “fracasso da civilização”. A civilização teria duas funções principais: conduzir o homem ao trabalho e inibir as pulsões. Ao realizar esta última função, além de inibir as Pulsões Sexuais ou de Vida, também inibiu as Pulsões de Morte; pois bem, a tendência de uma pulsão, quando inibida, é ser projetada, ou seja, defletida do mundo interno e intrapsíquico ao mundo objetivo e extrapsíquico, o que fez com que a Pulsão de Morte projetada gerasse formas avassaladoras não apenas de autodestruição, mas, também, de heterodestruição, como as guerras, os enclausuramentos, as formas de exploração e de indignificação da vida humana etc.

Após Freud publicar *O mal-estar na civilização*, o século XX o exemplificou de forma crua, explícita e desastrosa com os seguintes eventos: 1) os governos totalitários do século XX, que o historiador Erick Hobbbsbawn (1995) chamou de “Era dos Extremos” (*Age of Extremes*): nazismo alemão, fascismo italiano, franquismo na Espanha, salazarismo em Portugal, Stalinismo na URSS, ditadura de Charles De Gaulle na Quinta República Francesa etc.; 2) Em 1929, meses após a publicação de Freud, o Crack da Bolsa de NY seguido pela Grande Depressão da década de 30, que precedeu a Segunda Guerra Mundial; 3) em 1939, a eclosão da maior guerra da história da humanidade, a Segunda Guerra Mundial; 4) Entre 1947 e 1989, a “Guerra Fria”, que teve como alguns eventos o desenvolvimento de tecnologia bélica de destruição em massa, a divisão bipolar do mundo e conflitos periféricos entre os blocos capitalista (liderado pelos EUA) e socialista (liderado

pela URSS) – ex: Guerra do Vietnã, Guerra do Afeganistão, Guerra das Coréias, implantação das ditaduras da América Latina (destaque Ditadura Militar Brasil e Ditadura de Pinochet no Chile), guerras de independência dos países neocolonizados da África e da Ásia; 5) na década de 1990, a corrida pela independência dos países das fragmentadas União Soviética e Iugoslávia, com a geração de diversos conflitos bélicos, com destaque negativo para o massacre da Guerra da Bósnia, liderado por Slobodan Milosevic; 6) na década de 2000, ocorreram o World Trade Center, a Guerra do Iraque, a crise econômica global de 2008 e o recente levante do Neofascismo (sentimento de fracasso dos valores, princípios, sentimentos e mentalidades que a civilização considerava consolidados e ascensão vigorosa daqueles que a civilização considerava que haviam se perdido na história); 7) ainda em curso e nas fases iniciais, a crise global da COVID-19, que ainda possui veladas as suas consequências para o ser humano e para a civilização (ver última seção deste trabalho).

Somam-se às catástrofes históricas, os fenômenos antropológicos e psicossociológicos da nossa era, como: a “modernidade líquida”, conceituada pelo sociólogo Zygmunt Bauman (2001); o “agenciamento/ produção de subjetividades”, expostos pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari; a “heteronomia do desejo”, a “normatização”, a “sociedade disciplinar” e a “microfísica do poder”, todos conceitos do sistema teórico de Michel Foucault (MAIA, 1995; FOUCAULT, 2014); a “indústria cultural” e a “patologia artístico-cultural”, vislumbrados pelos autores da “Escola de Frankfurt” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985), e as cada vez mais robustas *injustiças sociais*.

Com todo o mencionado, não há como a civilização não se ajoelhar face ao mal-estar, e a grande euforia, ao modo de um ciclo bipolar, torna-se uma grande depressão.

A nova crise global: novo Coronavírus e COVID-19

O evento mais recente, ainda atual ao momento em que este trabalho é escrito, no mês de março do ano de 2020, é a pandemia, declarada formalmente pela Organização Mundial da Saúde, da doença COVID-19, causada por uma nova forma genética do Coronavírus. É impossível não comparar o que está ocorrendo à obra “A Peste”, de Albert Camus. No entanto, dê-se ao cenário um pouco mais de gravidade pois não se trata de uma epidemia circunscrita a uma localidade, como na obra de Camus, mas a uma pandemia que afetou toda a humanidade.

Meses antes do surto da doença, o professor israelense Yuval Noah Harari, autor dos best-sellers “Sapiens: Uma breve história da humanidade”, “21 lições para o século 21” e “Homo Deus: uma breve história do amanhã”, já alertava insistentemente em entrevistas, artigos e nas obras supracitadas, os riscos de consequências nefastas caso a humanidade viesse a enfrentar uma nova crise global. A maior razão desta preocupação estaria no espírito do nacionalismo deturpado

vivenciado por movimentos políticos emergentes no mundo todo – o mesmo espírito que culminou na Primeira Guerra Mundial, que pôs fim à euforia da *Belle Époque*. Na crise de 2008, que, segundo Harari (2015), foi a pior crise econômica da história, os países cooperaram internacionalmente em um esforço sem fronteiras para evitar os piores efeitos. Os estranhos sentimentos nacionalistas deturpados, a criação de rivalidades populares entre nações, a xenofobia e as fronteiras simbólicas rígidas entrepostas entre os países e mesmo dentro deles entre etnias, raças, traços distintivos de origem, religiões, classes sociais e ideários políticos distintos, nos faziam crer que essa colaboração não se repetiria em uma nova crise global.

Além das crises nos sistemas de saúde e das mortes em massa, principalmente em países fragilizados economicamente, como a Itália, a pandemia da COVID-19 causou a paralisação das atividades sociais – econômicas, políticas e culturais. Esta paralisação, necessária para a contenção da disseminação do vírus, que resultaria numa devastação da população global, interferiu nos projetos individuais e de toda a humanidade. Em um momento em que a atitude egocêntrica e as “políticas-vida”, como se referia o sociólogo Zygmunt Bauman (2001), eram predominantes, e o sentido real da “Política”, como esforços e disposições coletivas para a manutenção do bem-estar comum, era esvaziado e tido como ignóbil, a humanidade viu-se forçada a colaborar, já que ninguém mais sabe onde será o próximo foco e quem será contaminado, quase como se estivessem todos na “posição original”, como disse John Rawls (2000), e sob o “véu da ignorância”, tivessem que estabelecer os alicerces da justiça social. Em semanas, as posições sociais foram suspensas, todos foram colocados numa posição de impotência e insegurança. Que não se ignore o fato de que os mais pobres, com o caos econômico e social, pagarão a maior parcela da conta, e que a desigualdade social é uma variável de enorme influência não apenas na maior vulnerabilidade dos mais prejudicados pelas injustiças sociais, mas, também, na potencialização das consequências hostis à ordem social das nações; no entanto, neste momento, todos sabem que o vírus é cego para valores e juízos sociais – a doença é a mesma e a morte também, independentemente das ações contra a doença e das cerimônias e repercussões populares (que, em um sistema social classista e de disparidades de condições de vida e de direitos, como o que está estabelecido no mundo atual, acompanham as injustiças).

Não sabemos, ainda, as repercussões da pandemia da COVID-19. Mas todas essas crises cíclicas na história da humanidade, muito bem registradas pelo já mencionado pensador Yuval Noah Harari, sempre expõem que os momentos de maximização do individual em detrimento do coletivo são posteriormente combatidos com esforços contrários a esta mentalidade – com regulação dos mercados e dos agentes econômicos, socorro e incentivo estatais na economia, afirmação do papel do Estado na garantia dos direitos civis universais aos seus cidadãos e reaproximação internacional e intranacional na política, e redescoberta da identificação entre todas as pessoas na cultura e em suas bases

morais e intelectuais (HARARI, 2015). As pessoas mais ricas ou mais poderosas do mundo precisam, hoje, do esforço das classes populares, das grandes massas e, até mesmo, daqueles que estavam esquecidos na marginalização e na miséria. Parafraseando uma fala do ex-presidente do Uruguai José “Pepe” Mujica, o egoísmo deve, mandatoriamente, ceder espaço à solidariedade.

Considerações finais

Considera-se, pelo trajeto percorrido no presente trabalho, que todos os seus objetivos foram alcançados e os seus propósitos contemplados.

Ao longo do desenvolvimento do texto, foram expostos eventos-chave da história recente da humanidade que conduziram a modificações dos sentimentos, dos valores e das atitudes coletivas perante o convívio social, tomando a relação do indivíduo com a sociedade como uma relação marcada por intersecções dialógicas e dialéticas, em que o sujeito é influenciado pelos aspectos materiais do meio em que está inserido e, neste processo de formação, age e modifica este meio, gerando novos signos e aspectos que participarão da formação de outros sujeitos.

A exposição do otimismo progressista presente no espírito cultural das nações no fim do século XIX e início do século XX, em especial europeias, também foi apresentada no corpo do texto, conjugada com o pensamento e a obra de autores que marcaram filosoficamente esse período de euforia e crença no ápice do progresso social e científico, enfatizando as obras de Auguste Comte e Max Weber.

Em contraposição às tendências otimistas progressistas, foram apontados eventos catastróficos da história recente que conduziram a uma mudança humoral nas nações, passando de enorme euforia a uma gravidade de angústias e incertezas. Essa “depressão coletiva” é contemplada com os apontamentos muito bem colocados de Sigmund Freud no desenvolvimento de sua análise psicanalítica da cultura, da história e da sociedade, principalmente em seu texto “O mal-estar na civilização” ou “O mal-estar na cultura”.

Por fim, reconhecendo a magnitude do advento da COVID-19 na história recente da humanidade, tendo se alastrado como uma pandemia que aflige o mundo todo e gera crises sociais nacionais e internacionais em todos os campos e segmentos da sociedade, foram elencadas tendências morais e políticas que se repetem em épocas de grandes crises globais e que estão se repetindo, novamente, no momento atual durante os ataques contundentes da COVID-19.

Referências

ADORNO, T. W. HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento : filosóficos**; tradução, Guido Antonio de Almeida. – Rio de Janeiro : Zahar, 1985.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini -2. ed. São Paulo : Edipro, 2012.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzein. – Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENEDICTO, R.M. **Filosofia da ciência**. – Batatais, SP : Claretiano, 2013.

CAMUS, A. **A peste**. Tradução de Valerie Rumjanek. – 5. ed. – Rio de Janeiro : BestBolso, 2016.

COMTE, A. **Discurso sobre o espírito positivo: ordem e progresso**. Tradução de Walter Solon. – São Paulo : Edipro, 2016.

CRESPO, L.F. BOTELHO, O.S. KRASTANOV, S.V. **História da filosofia contemporânea I**. – Batatais, SP : Claretiano, 2013.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhe. 42. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2014.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Tradução Paulo César de Souza. – 1ª ed. – São Paulo : Penguin Classics, Companhia das Letras, 2011.

_____. **Além do princípio do prazer**. Tradução do alemão de Renato Zwick; revisão técnica e prefácio de Tales de Ab'Sáber; ensaio biobibliográfico de Paulo Endo, Edson Souza. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2018a.

_____. **O futuro de uma ilusão**. Tradução de Renato Zwick; revisão técnica e prefácio de Renata Udler Cromberg; ensaio bibliográfico de Paulo Endo e Edson Souza. - 2 ed. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2018b.

HARARI, Y. N. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Trad. Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM, 2015.

HOBBSAWN, E. **A Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo : Companhia das Letras, 1995.

JAEGER, W. **Paidéia: A Formação do Homem Grego**. Trad. Artur M. Parreira. Martins Fontes, São Paulo. 1995.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Trad.: Valerio Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

_____. **Crítica da razão prática**. Tradução de Valério Rohden. – São Paulo : Folha de São Paulo, 2015.

KRASTANOV, S.V. **História da Filosofia Antiga**. – Batatais, SP : Claretiano, 2013.

MAIA, A. C. **Sobre a analítica do poder de Foucault**. Tempo Social, São Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 83-103, out. 1995. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/download/85208/88047>>.

RAWLS, J. **Uma Teoria da Justiça**. Tradução de Almiro Pisetta, Lenita Esteves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

RUSSELL, B. **História do pensamento ocidental** : a aventura dos pré-socráticos a Wittgenstein.; tradução Laura Alves e Aurélio Rebello. – [Ed. especial]. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2013.

_____. **História da filosofia ocidental – Livro 3: A filosofia moderna**.; Tradução Hugo Langone – 1. ed. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2015.

TAYLOR, F. W. **Princípios de administração científica**. Trad. Arlindo Viera Ramos. São Paulo: Atlas, 1963.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; rev. téc. de Gabriel Cohn, 4ª ed. 4ª reimpressão – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015.

Recebido: Março de 2020

Aprovado: junho de 2020